

O VIÉS SOCIAL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA A PARTIR DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA FORMA DE CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

ALAN RICARDO COSTA ¹

FERNANDA CARVALHO BASILIO HERNANDEZ ²

RESUMO:

O curso Pré-Universitário Popular Alternativa (PUP Alternativa) é um projeto de extensão na forma de curso gratuito destinado às classes mais populares de estudantes do município de Santa Maria-RS e região. Seu funcionamento se dá na forma de aulas mediadas por acadêmicos(as) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e outras instituições, para alunos(as) sem condições socioeconômicas de financiar um curso pré-vestibular particular. Para tais estudantes, a Educação a Distância (EAD) pode apresentar-se como uma proposta viável de acesso ao saber por meio do Ensino Superior. Nesse viés, o presente estudo parte do princípio que a EAD pode ser uma ferramenta de democratização e pluralização do ensino superior, no sentido de permitir, por exemplo, que o acadêmico que faz uso de tal modalidade concilie os estudos com sua jornada de trabalho e/ou ainda estude mesmo em uma instituição geograficamente distante de sua casa, entre outros aspectos. Para tanto, é preciso identificar, no âmbito do PUP Alternativa, se os estudantes conhecem a referida modalidade, bem como é preciso averiguar se o mesmo corpo discente apresenta determinadas condições para uso da atual EAD *online*, como acesso à Internet. A presente pesquisa caracteriza-se por um viés quantitativo de análise de dados obtidos via questionários respondidos por 114 estudantes do PUP Alternativa. Os resultados indicam que a EAD, em muitos aspectos, é uma alternativa viável e possível a estudantes em sua maioria trabalhadores e/ou sem condições de ingressar e manter-se no ensino superior na modalidade presencial, por inúmeros fatores socioeconômicos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a Distância; Tecnologias; Pré-Universitário Popular Alternativa; Universidade.

¹ Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado em Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Graduado em Letras - licenciatura em Espanhol e literaturas de língua espanhola, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Prof^a orientadora. Especialista em EAD e as Novas Tecnologias Educacionais pela Unicesumar, cursando MBA em Gestão de Pessoas também na Unicesumar, graduada em Serviço Social pela Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana PR – FECEA, tutora no NEAD – Núcleo de Educação a Distância Unicesumar.

1 INTRODUÇÃO

“Acho que o uso de computadores no processo de ensino-aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa (...). Depende de quem usa a favor de quê e de quem e para quê. (...) Estamos preparando o terceiro milênio, que vai exigir uma distância menor entre o saber do rico e o saber do pobre” (FREIRE, P. 1995, p.98).

A Educação a Distância (EAD), principalmente a partir do advento da Internet e do conseqüente uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) aplicadas à educação, afetou de formas múltiplas a democratização do ensino e da aprendizagem. Hoje, a EAD - por intermédio de Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem (AVEAs) e outros recursos, além da interação com alunos(as) mediada por professores(as) e tutores(as) - é uma alternativa digna de nota para o ingresso na universidade.

Sobre esse ponto de vista, Lopes *et al.* (2010) assinala que a EAD é uma ferramenta com grande alcance social, sobretudo ao suprir certas necessidades da população que não tem acesso ao ensino superior tradicional, seja por motivos geográficos ou indisponibilidade de tempo. Tal parcela da população, muitas vezes, tem “que conciliar suas várias atividades para sobreviver, prejudicando a possibilidade de adquirir novos conhecimentos” (*idem, ibidem*, p.193).

Por outro lado, o crescimento dos cursos pré-vestibulares populares (ou pré-universitários populares ou, ainda, cursinhos populares) também responde à demanda pelo acesso ao ensino superior. Tais cursos, conforme aponta Zago (2008), nascem em um contraditório sistema de intensificação da demanda pelo ensino superior entre sujeitos de baixa renda. Não deixa de estar entrelaçada a questão política de expansão mediante a privatização do ensino superior brasileiro, que não favorece o acesso dos egressos do Ensino Médio que dependem essencialmente do ensino público. Neste cenário complexo, os cursos Pré-Vestibular Populares (doravante PVPs) ou Pré-Universitário Populares (PUPs), “fazem parte de uma mobilização coletiva que vem sendo desenvolvida nos últimos anos pela democratização do ensino no país” (ZAGO, 2008, p.151).

Na esteira destas ações crescentes no cenário educacional brasileiro encontra-se o curso Pré-Universitário Popular Alternativa (ou apenas PUP

Alternativa)³, localizado no município de Santa Maria, região central de Rio Grande do Sul. Em resumo, o PUP Alternativa é um projeto de extensão⁴ destinado a estudantes do município e região sem condições socioeconômicas de financiar seus estudos e sua formação pré-vestibular. Assim, o PUP Alternativa atende um público que coincide com o perfil de acadêmicas e acadêmicos que se valem da EAD para dar continuidade aos estudos e superar as inúmeras barreiras que são comuns na modalidade presencial, como o fato de se ter dia e horário para comparecer às aulas, deslocamento até o local de ensino, disponibilidade de tempo, entre outros vários fatores que podem ser problemáticos ao estudante.

Foi no próprio âmbito do PUP Alternativa que o problema de pesquisa deste estudo delineou-se, a partir de dois episódios específicos que esboçam a aproximação social que a EAD e o contexto de PVP pode apresentar. O primeiro caso foi o de um aluno que, em março de 2014, relatou a história de seu pai, pedreiro e ex-aluno do PUP Alternativa em anos anteriores. O pai ingressou na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mais especificamente no curso de Matemática, porém, de acordo com o filho, ainda não se graduou e está atrasado segundo o curriculum do curso, em função da dificuldade de conciliar sua extensa jornada de trabalho com a graduação presencial. O segundo caso foi o de um estudante, também em 2014, que pensava em desistir de estudar no PUP Alternativa por preocupar-se em futuramente não conseguir conciliar o trabalho em uma oficina mecânica de motocicletas com o curso superior almejado. Ao ser indagado sobre talvez “cursar em EAD”, o aluno alegou ainda não ter pensado em tal possibilidade. Após alguns minutos em silêncio, e um tanto quanto apreensivo, este mesmo aluno comenta: “Professor, desculpa a ignorância, mas o que é essa E-A-D que tu falou?”. O problema de pesquisa que se desenha após os referidos episódios é o caráter social da EAD citado por Lopes *et al.* (2010) e Carvalho (2014). Este caráter social precisa ainda ser mais amplamente debatido e divulgado, para

³ Projeto registrado sobre o número 036397, na Pró-Reitoria de Extensão (PRE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ao longo do texto, o referido projeto será melhor apresentado e detalhado. Para maiores informações, visite: <www.ufsm.br/alternativa>.

⁴ É imprescindível fazer alguns apontamentos básicos sobre o termo “extensão”, empregado aqui por ser um vocábulo já firmado em se tratando de projetos institucionais voltados à sociedade. O conceito de extensão almejado pelo PUP Alternativa, contudo, é aquele mais freiriano, de legítima prática comunicativa entre os sujeitos que compartilham uma determinada realidade ou contexto social vivenciado. Não é, em absoluto, uma extensão de migração até “outra parte do mundo”, inferior, para, à sua maneira, salvá-la ou “normalizá-la” (FREIRE, 1989). Não é (assim espera-se) uma extensão pautada em “transmissão” do saber ou qualquer outra visão assistencialista de projetos assemelhados.

que não caia no lugar-comum de contribuir apenas com alguns e excluir socialmente outros. Em outras palavras, se aquela parcela da população socioeconomicamente vulnerável, e que pode fazer uso da EAD, não conhecer minimamente tal alternativa para ingresso e permanência no ensino superior, muito do viés social da modalidade estará perdido.

Nesse sentido, o objetivo do estudo é identificar e discutir a popularização da EAD enquanto modalidade de ensino viável para – e a partir da ótica de – um público de estudantes em sua maioria trabalhador e/ou sem condições de ingressar e manter-se no ensino superior na modalidade presencial, por inúmeros fatores socioeconômicos. Assim, é objetivo específico analisar o grau de conhecimento de estudantes do curso gratuito PUP Alternativa sobre a EAD, tendo em vista que, segundo o perfil destes estudantes, a modalidade se apresenta como alternativa viável de acesso à informação, ao conhecimento e à formação profissional.

2 DISCUTINDO A EDUCAÇÃO E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Abordaremos, neste capítulo, o viés social e seus respectivos impactos na educação, de modo geral, e no acesso ao ensino superior, de modo específico, da EAD, primeiramente, e dos cursos pré-vestibulares e/ou pré-universitários, posteriormente.

Como bem aponta Carvalho (2014, p.6), a “democratização da educação superior tem estado em pauta dos debates da educação mundial”. O escopo aqui, no entanto, é mais específico: o Brasil, um país com acentuada desigualdade social por variantes inúmeras. A Educação, enquanto espectro maior, deveria ser para todos(as), ou seja, social em sua gênese e por si só. Todavia, temos nas microestruturas nacionais aspectos complexos a serem considerados: modalidades de ensino, currículo, escolas públicas e privadas, formação de professores(as), condições e jornadas de trabalho concomitante ao estudo etc. É preciso considerar estes e muitos outros tópicos, para que esta “educação para todos(as)” não seja apenas superficialmente explorada, além de ilusória para uma parcela menos favorecida socioeconomicamente da população. Exemplos de iniciativas de possibilitar mais efetivamente uma educação para todos e todas podem ser a EAD e

os cursos PVPs, uma vez que estes podem servir como ferramentas de legítima democratização da educação.

Vale reiterar, contudo, que a EAD, assim como os PVPs e PUPs, pode ser vista de ângulos variados, aglutinados em dois grandes posicionamentos antagônicos entre si: uma perspectiva positiva e outra negativa. Ao vislumbrarmos a face positiva da questão, a EAD é defendida por discursos de democratização do acesso ao ensino superior, juntamente àqueles que defendem o uso dos recursos tecnológicos para sua expansão (CARVALHO, 2014), enquanto que os PVPs, nas palavras de Zago (2008), popularizam o acesso às universidades e ainda atendem aos setores, grupos ou frações de excluídos socialmente do acesso ao ensino superior e egressos de escolas públicas. Em contrapartida, ao vislumbrarmos a face negativa, temos aqueles que não acreditam na qualidade da EAD, em conjunto com os que consideram a expansão da educação superior, proporcionada pela EAD, “uma questão meramente mercadológica voltada exclusivamente para o desenvolvimento e interesse econômicos” (CARVALHO, 2014, p.2). Assim como há certa face negativa nos PVPs que, em uma perspectiva neoliberal perversa, com base em Costa (2015), podem ser classificados como cursos contraditórios em sua natureza e incompatíveis com uma perspectiva de Educação Popular, politizadora, problematizadora de realidade social ou em diálogo com a Pedagogia Crítica de Paulo Freire, por exemplo.

Longe de adotar uma perspectiva maniqueísta ou reducionista – puramente positiva ou negativa –, tanto sobre a EAD quanto sobre os PVPs ou PUPs, neste trabalho serão discutidas as aproximações possíveis que um cursinho popular pode apresentar com relação à EAD no que concerne ao seu público de estudantes. É, possivelmente, uma relação de sequência: o atual estudante do PVP pode vir a ser o futuro universitário da EAD, e tal questão social precisa ser considerada. Segundo Yamamoto (1999, p.27), a questão social pode ser definida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade. Assim, entende-se aqui como “viés social” a tentativa de ruptura de algumas desigualdades por meio da pluralização e democratização do ensino superior a partir do que cada um destes dois espaços – a EAD e o curso PVP/PUP – podem apresentar.

2.1 O PAPEL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A história da EAD no Brasil apresenta alguns traços de conflitos sócio educacionais, políticos e econômicos, como nos mostram alguns primeiros casos de educação à distância, por volta de 1900, que se deram por meio de cursos profissionalizantes por correspondência. Alves (2009, p.9) lembra que tais cursos “eram todos voltados para as pessoas que estavam em busca de empregos, especialmente nos setores de comércio e serviços”. Posteriormente, na década de 1920, ainda de acordo com Alves (2009, p.9), ocorreu uma expansão da EAD via rádio, sobretudo com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, cuja principal função era “possibilitar a educação popular, por meio de um então moderno sistema de difusão em curso no Brasil e no mundo”. A rádio⁵, depois da correspondência, firmou-se como segundo meio de transmissão a distância do saber.

Contudo, este trabalho refere-se à EAD *online*, firmada notoriamente com a popularização dos computadores e da Internet. Nos dias atuais, podemos citar como ferramentas que auxiliam neste processo de ensino e de aprendizagem a teleconferência, os fóruns de discussão, blogs, chats, sites de redes sociais (RECUERO, 2014) e ambiente virtuais para aprendizagem em geral, entre tantos outros recursos.

A EAD *online*, e mais especificamente o ensino superior EAD, tem como pontos históricos importantes a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 e a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB). A LDB de 1996 possibilitou a modalidade a distância em todos os níveis de educação, ou seja, permitiu a criação de cursos de graduação e pós-graduação na referida modalidade (KIPNIS, 2009; ALVES, 2009). Posteriormente, instituída pelo Decreto Nº. 5.800, de 8 de junho de 2006, surge a UAB, com o objetivo de desenvolver a EAD, expandir e interiorizar a oferta de cursos superiores, tendo como prioridade a oferta de cursos licenciatura e formação de professores da educação básica (ALVES, 2009; CARVALHO, 2014).

Estes dois eventos históricos, dentre outros, contribuíram para os desdobramentos que viriam a desenhar o cenário atual da EAD. Há um grande crescimento, nos últimos anos, dos cursos e alunos(as) matriculados(as) na

⁵ Que, é pertinente elucidar, “trazia preocupações para os governantes, tendo em vista a possibilidade de transmissão de programas considerados subversivos, especialmente pelos revolucionários da década de 1930” (ALVES 2009, p.9).

Educação Superior a Distância no Brasil (CARVALHO, 2014). Como nos mostra Kipnis (2009, p.209):

A EAD se vê diante de uma nova geração, em relação a outras anteriores definidas pelas tecnologias da época, e as instituições de ensino superior se deparam com o atendimento a uma demanda crescente por acesso ao conhecimento e à formação profissional para atuar em um mercado capitalista qualitativamente diferente.

Em trabalho que versa sobre a EAD no ensino superior enquanto possibilidade concreta de inclusão social, Lopes *et al.* (2010), a partir de diferentes modelos de EAD, discutem inúmeros tópicos pertinentes. No que tange ao público da EAD temos, por exemplo, as pessoas que já estão inseridas no mercado de trabalho, que precisam viajar e têm pouco tempo à disposição, “mas querem estudar para conseguir se estabelecer no trabalho ou para ter a possibilidade de ser promovido no emprego” (LOPES, *et al.* 2010, p.198). Neste interim, enquanto público, temos também jovens ou adultos inseridos no mercado de trabalho (ou não), que desejam exercer sua autonomia no gerenciamento do processo de ensino e de aprendizagem, outra característica presente na modalidade.

Ainda tratando do público trabalhador que faz uso da EAD para sua permanência no mundo dos estudos e, conseqüente, aprimoramento profissional, Lopes *et al.* (2010, p.198) lembram outra vantagem da EAD, dizendo que esta:

(...) oferece maior flexibilidade de tempo e, sobretudo, de espaço. Isso facilita que pessoas que moram no interior (sobretudo em regiões distantes ou de difícil acesso) possam realizar seus estudos de nível superior. Essa flexibilidade está sendo acolhida também por moradores das grandes cidades que preferem evitar os longos deslocamentos e as despesas de locomoção, assim como o desgaste de se submeter diariamente ao estresse dos grandes centros urbanos.

Percebe-se que os fatores sociais imbricados no acesso e na permanência ao ensino superior são muitos, e suas relativizações por meio da escolha pela modalidade EAD são notáveis. Desconsiderá-los, tanto os fatores quanto a modalidade em questão, pode significar um retrocesso no que diz respeito às potencialidades e os benefícios que a EAD pode trazer à sociedade.

2.1 O PAPEL DOS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES

Como já apontado em estudo anterior (COSTA, 2015), debater sobre o funcionamento e a perspectiva teórico-metodológica de um curso PVP ou PUP é

tarefa árdua ainda hoje, pois não há um consenso, uma definição única e estanque, sobre o que seja um curso pré-vestibular de caráter popular. Isto em função da atualidade do tema, da grande diversidade de estruturas organizativas, práticas pedagógicas e posicionamentos políticos dentre os envolvidos nos cursinhos (MENDEZ, 2009) e da expressiva ausência de bibliografia da área⁶.

O que há de maior consenso na revisão de literatura é que os motivos históricos que justificam o aparecimento dos PVPs surgem no Brasil na segunda metade dos anos 80 e solidificam-se na década de 90 do século XX⁷. Tais ações surgem na forma de inúmeras iniciativas organizadas para protestar contra e produzir ações de combate às desigualdades na educação, provenientes de uma intensificação da demanda pelo ensino superior (ZAGO, 2008).

É importante salientar, conforme discutido em Costa (2015), os variados entendimentos de o que seria um curso pré-vestibular ou PUP. Mais especificamente, é importante destacar os significados e sentidos do termo “popular”, que podem ser colocados em dois grupos de conceitos: (1) popular enquanto gratuito ou de acesso facilitado e (2) popular enquanto ação ancorada teoricamente na perspectiva da Educação Popular de Paulo Freire⁸. Este segundo conceito – Popular e freiriano – aparenta ser o mais complexo, por tentar conciliar duas lógicas aparentemente antagônicas: pré-vestibular e Educação Popular⁹. Nas palavras de Mendes (2009, p.2), cursinhos populares (ou PVPs) estão permanentemente sobre a contradição de ter que preparar para o vestibular e, ao mesmo tempo, “propor uma visão crítica do conhecimento e das instituições, em especial a universitária”.

O PUP Alternativa é um curso que abrange (ou tenta abranger, de forma bastante acentuada) os dois supracitados conceitos de “popular”. É gratuito e destinado a homens e mulheres, de variadas idades, sem condições de financiar um

⁶ A literatura da área aparenta ainda ser incipiente, com mais expressiva notoriedade apenas nos últimos anos. É o caso de publicações como Zago (2008), Mendes (2009) e Bicalho (2013).

⁷ Cabe sinalizar a aproximação temporal com o crescimento da EAD *online* no Brasil.

⁸ Ainda que com acepções que podem variar dependendo do período histórico ou referencial teórico, grosso modo, a Educação Popular parte de um conjunto histórico de práticas, lutas políticas e discussões sobre as (e das) classes populares. É, portanto, uma Educação Libertadora e problematizadora, que se opõe à educação bancária. Ainda cabe destacar que não se trata de uma educação *para* os oprimidos, mas sim *com* eles (FREIRE, 1992; 1996).

⁹ Com base em Mendes (2009) e Costa (2015), dentre os muitos nomes cabíveis a tais cursos, é feita aqui a opção por “pré-vestibular popular” ou “pré-universitário popular”, não só por explicitar os sujeitos a quem se dirige (classes populares), mas também para deixar visível a eleição pela Educação Popular enquanto prática político-pedagógica que orienta o trabalho.

curso pré-vestibular comercial, mas que também vai além de mera preparação para um exame de ingresso ao ensino superior (e.g. COSTA, 2015). É uma ação extensionista que busca, na medida do possível, considerando os limites e os desafios de abarcar o viés da Educação Popular e da Pedagogia Crítica (GIROUX, 2013) em um contexto pré-vestibular, contribuir com a popularização da universidade de dentro para fora e vice-versa. Para tanto, a preocupação do PUP Alternativa vai muito além do ingresso na universidade: está também na permanência, na ruptura dos números de evasão, na profícua e contínua construção de uma consciência crítica e política. Daí a importância de que seus alunos e alunas saibam da possibilidade de cursar o ensino superior na modalidade à distância.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como estudo de campo realizado no âmbito do curso PUP Alternativa, já apresentado anteriormente. Baseada em estudos bibliográficos referentes ao caráter social da EAD e de cursinhos populares, a pesquisa busca uma análise quantitativa inicial do impacto que a modalidade a distância pode causar na formação acadêmica de estudantes de um curso PVP/PUP sem condições socioeconômicas de financiar um curso particular. A opção pelo viés quantitativo dos métodos de seleção e análise de resultados é justificada pela opinião de que tais dados, que se traduzem por números, podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais (GATTI, 2004). Entretanto, quando cabível, evidentemente, ponderações iniciais de natureza qualitativa são propostas, a fim de complementar os dados quantitativos expostos.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário aplicado aos alunos e alunas do PUP Alternativa em sala de aula, na noite de 16 de abril de 2015. O questionário, impresso e respondido individualmente pelos sujeitos de pesquisa, contempla perguntas de naturezas variadas, sendo algumas fechadas, de múltipla escolha, e outras abertas. Tais questões foram selecionadas e/ou elaboradas com base na revisão de literatura da área e observação participante realizada ao longo do primeiro mês de aulas no referido cursinho, em março de 2015. O questionário contempla principalmente dados categoriais. Para Gatti (2004, p.14, 15),

Dados categoriais são aqueles que apenas podemos colocar em classificações (classes) e verificar sua frequência nas classes. Exemplo simples deste tipo de dado é a contagem de pessoas conforme seu sexo nas categorias masculino e feminino; a leitura preferida escolhida: livros ou revistas ou jornal ou nenhum; o último nível escolar frequentado: nenhum/fundamental/médio/superior.

Foram selecionados como sujeitos de pesquisa estudantes aprovados no referido curso via edital de 2015. Anualmente, o PUP Alternativa oferta pelo menos 150 vagas, em processo seletivo realizado no início do ano letivo¹⁰, aos estudantes de Santa Maria e região. Desde o ano de 2013, também tem sido aberto um segundo edital, referente ao segundo semestre letivo, com uma oferta de 40 vagas complementares, designadas ao preenchimento de espaços vacantes oriundos de evasões¹¹. Considerando as vagas dos dois editais, mais as chamadas de suplentes que são realizadas, estima-se que, por ano, o PUP Alternativa atenda um número superior a 200 alunos e alunas.

Sendo uma ação de extensão destinada a pessoas desprovidas de condições financeiras de custear um curso pago, o critério socioeconômico é um dos principais fatores considerados no processo seletivo de discentes no PUP Alternativa. Os(as) candidatos(as) a uma vaga não devem ultrapassar um limite de renda familiar de até três salários mínimos vigentes ou, se o(a) candidato(a) for não dependente, de até um salário mínimo e meio vigente (COSTA, 2015). Também são realizadas entrevistas de cada candidato(a). A entrevista é o momento em que os(as) educadores(as)-entrevistadores(as) conhecem os(as) futuros(as) educandos(as)-entrevistados(as). Este primeiro diálogo é fundamental para a apresentação do funcionamento das atividades do projeto, além de servir também para avaliar o interesse de cada candidato(a), bem como conhecer minimamente sua realidade social.

Responderam ao questionário 114 estudantes, sendo 26 homens e 86 mulheres. O PUP Alternativa divide o total de seus estudantes em 4 turmas (Turmas 1, 2, 3 e 4). Nesta pesquisa, temos números variados de participantes de cada grupo, a saber: 34 estudantes da Turma 1, 30 estudantes da Turma 2, 29 estudantes

¹⁰ Em geral, o processo seletivo inicia em março. O PUP Alternativa tenta acompanhar o calendário letivo das escolas de Ensino Médio de Santa Maria, e costuma fazer ampla divulgação nestas muitas vezes na primeira semana de aula (COSTA, 2015).

¹¹ Avaliações e pesquisas são realizadas esporadicamente para descobrir as causas das evasões de discentes. Destacam-se motivos como: (a) mudança do turno de trabalho, (b) aprovação em algum curso de graduação ou curso técnico, (c) questões pessoais e/ou familiares, etc.

da Turma 3 e 21 estudantes da Turma 4. Os sujeitos participantes apresentam idades que variam de 16 a 57 anos.

Finalmente, vale ressaltar que este é um trabalho de foco restrito, um estudo inicial. Os dados levantados e analisados, contudo, podem contribuir em escalas de medidas com diversos outros cursos pré-vestibulares assemelhados ou projetos de extensão variados, não só da UFSM e de Santa Maria. Cabe apontar que os dados obtidos com este trabalho têm a pretensão de contribuir com pesquisas futuras desenvolvidas no PUP Alternativa, em termos não só de acesso, mas também de permanência no ensino superior dos alunos e alunas egressos.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR ALTERNATIVA

O curso PUP Alternativa, até 2014 nomeado Pré-Vestibular Popular Alternativa¹², conforme já elucidado, é um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A referida ação de extensão partiu da iniciativa de estudantes de graduação do Centro de Ciências Rurais (CCR), da UFSM, que faziam parte de uma Organização Não Governamental (ONG) intitulada Ecópolis, no ano de 2000. No ano de criação, o curso funcionou em espaço cedido pelo Instituto de Educação Olavo Bilac, com o apoio da 8ª Delegacia de Educação, da Pró-Reitoria de Extensão (PRE) da UFSM e do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Atualmente o curso é desenvolvido no Prédio de Apoio Didático e Comunitário da UFSM, localizado no centro da cidade, Rua Marechal Floriano Peixoto, com atividades no turno da noite, de segunda-feira à sexta-feira, e também aos sábados, no turno da tarde (COSTA, 2015).

No que tange aos seus objetivos centrais, o PUP Alternativa aspira ao crescimento profissional e pessoal, tanto de acadêmicos(as) de graduação e pós-graduação que atuam no projeto como educadores(as) quanto de estudantes de Santa Maria e região em termos de acesso ao ensino superior. No que concerne à visão e valores, o PUP Alternativa defende a perspectiva da Educação Popular (FREIRE, 1992) e visa ir muito além de mera preparação para o vestibular ou algum exame de acesso a universidade. Enquanto projeto de cidadania, o PUP Alternativa almeja uma contínua construção horizontal e reflexiva de consciência crítica,

¹² Para saber mais sobre a mudança de nome do curso PUP Alternativa, ver Costa (2015).

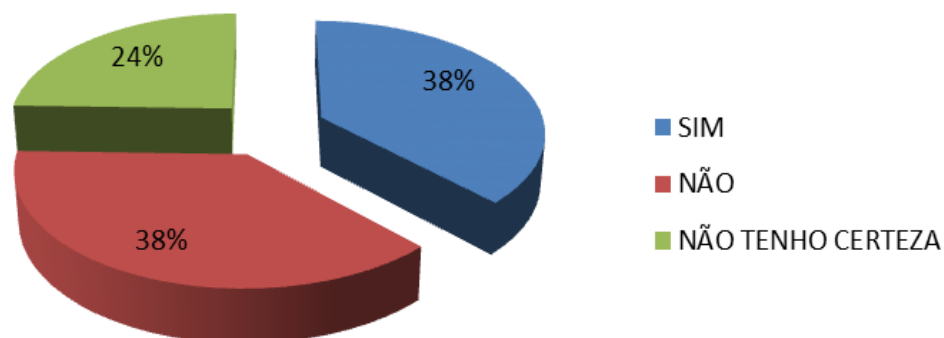
abordando questões sociais entendidas como necessárias na Educação e na sociedade em geral.

As aulas do PUP Alternativa ocorrem no turno da noite, com vistas ao atendimento do público-alvo de trabalhadoras e trabalhadores que vê neste turno sua única possibilidade de continuidade nos estudos. Os(as) alunos(as) selecionados(as) via edital recebem meia-passagem de ônibus (categoria meia-passagem estudantil) para locomoção ao curso e apostilas gratuitas produzidas pelo corpo docente do projeto e impressas via orçamento da PRE na Imprensa Universitária da UFSM.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A primeira questão do questionário aplicado aos sujeitos participantes da pesquisa indaga de forma direta se os estudantes sabem o significado da sigla “EAD”. Esta é, cumpre destacar, uma das questões centrais da presente pesquisa, pois se entende que, sem conhecer a referida modalidade, muitas das oportunidades que ela pode oferecer a futuros(as) universitários(as), estudantes de cursinhos populares, são perdidas. Vale ressaltar que o questionário foi aplicado a 114 pessoas. Chama a atenção o fato de que o número de participantes que conhece a modalidade EAD é o mesmo dos que desconhecem. Sendo que a referida modalidade já pode ser entendida como consagrada no que tange ao acesso e permanência no ensino superior desde a LDB de 1996, já poderíamos considerar que quase duas décadas deveria ser tempo mais que suficiente para um conhecimento mais amplo por parte da população.

Gráfico 1: Você sabe o que significa EAD?



Talvez pese aí certa omissão por parte das escolas e das grandes mídias em discutir, problematizar e divulgar amplamente a EAD. No intento de ir contra a

invisibilidade dos debates sobre a EAD nos espaços escolares e nas mídias, começaram a ser pensadas, dentro do PUP Alternativa, formas de maior popularização da supracitada modalidade. Ao aproveitar que recentemente o PUP Alternativa ganhou um programa semanal na Rádio Universidade da UFSM¹³, para debates de temas pertinentes aos estudantes, já começaram a serem preparadas e esquematizadas entrevistas e discussões que abordem a EAD e as opções de cursos ofertados na UFSM na modalidade em questão.

Também vale destacar que, de acordo com Mendes (2009), em alguns casos, ocorre no currículo dos PVPs a inclusão de uma disciplina de “Cultura e Cidadania” (ou outras denominações, como “atualidades”). Tal espaço prioriza a discussão política de temas relevantes do ponto de vista social e cultural, segundo a autora (MENDES, 2009). No PUP Alternativa, este espaço é chamado de “Horário alternativo” e, atualmente, ocupa na grade de horários o período de quarta-feira à noite. Enquanto espaço aberto a diversos debates, o “Horário alternativo” pode ser revezado entre os(as) educadores(as) das variadas disciplinas, ou pode ser empregado para discussões extras que se apresentem como pertinentes ou necessárias à formação humanística do(a) educando(a) do PUP Alternativa. Destarte, futuros espaços do “Horário alternativo” serão destinados a apresentar e discutir com os estudantes a Internet, a EAD e a possibilidade de cursar uma graduação de nível superior por meio da referida modalidade *online*.

A pergunta seguinte pedia que, aos que responderam afirmativamente sobre conhecer a sigla “EAD”, fosse explicado nas linhas seguintes o que cada sujeito sabia ou entedia sobre. Com efeito, o número de pessoas que desconhecem a modalidade a distância aparenta ser bastante expressivo, ainda mais se somado aos que alegam não ter certeza do que trata a sigla. Pelos comentários a seguir é possível ter uma noção da interpretação de muitos dos estudantes:

- Comentário 1: “Significa ter aula fora da escola”.
- Comentário 2: “É Ensino a Distância. Pode ser graduação superior ou pós-graduação; Possuem, normalmente, aulas presenciais uma vez na semana e o restante dos dias é pela Internet”.

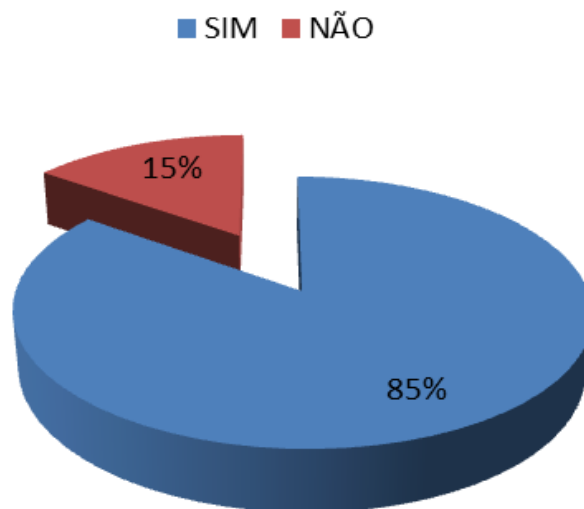
Há certa discrepância entre as respostas, mesmo entre os(as) participantes da pesquisa que apontaram saber o significado da sigla EAD. As distinções parecem

¹³ O programa é intitulado “Conexão Alternativa”, e vai ao ar uma vez por semana, na terça-feira à tarde, com duração de duas horas. Para sintonizar o programa, acesse: <<http://coral.ufsm.br/radio/>>.

ter relação com certa profundidade do grau de conhecimento da modalidade. Determinados(as) participantes sinalizam uma visão mais “afastada” ou superficial do tema, como é o caso do autor do comentário 1. Outros e outras, que talvez conheçam pessoas que estejam atualmente cursando o ensino superior via EAD, aparentam utilizar certa terminologia mais voltada à área, como é o caso do comentário 2.

Evidentemente, a atual EAD *online* traz em seu bojo aspectos pertinentes, que precisam ser considerados em um estudo político-social. Talvez o principal aspecto seja o acesso a Web. Destarte, o questionário trouxe a indagação “Você tem acesso a Internet em casa?”. O resultado evidencia que há uma incidência pequena de pessoas sem acesso à rede mundial de computadores dentre os estudantes do PUP Alternativa, como nos mostra o gráfico 2:

Gráfico 2: Você tem acesso à Internet em casa?

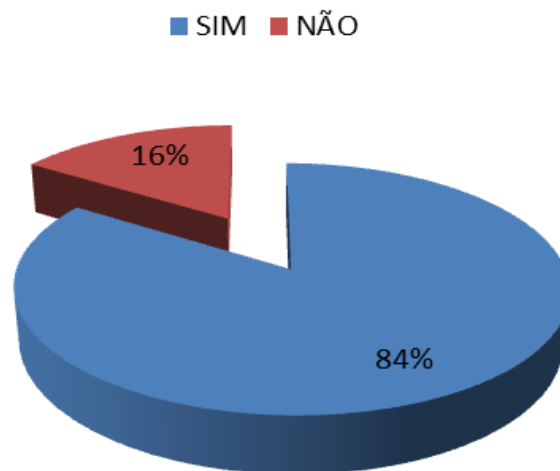


Por um lado, este resultado deve ser considerado sob o prisma de um não profundo alcance de estudantes em situação de extrema carência socioeconômica. Ou seja, ainda que o PUP Alternativa busque manter um vínculo com a parcela da população a qual um curso PVP ou PUP deve se destinar, é sabido que muitas pessoas em extrema vulnerabilidade social e financeira não conseguem ser estudantes do PUP Alternativa, ainda que muito seja feito para atender da melhor maneira possível as classes mais populares. Por outro lado, também é preciso considerar a popularização do acesso a Web em nosso país, através de várias

políticas públicas de educação, cidadania e direitos sociais, tendo em vista o impacto que o acesso democrático a Internet causou e ainda vem causando. Ainda estamos longe de termos, de forma gratuita e aberta, a Internet idealizada de outrora, mas podemos considerar que caminhamos para isso.

Ainda com relação ao perfil dos participantes da pesquisa, vale destacar que, por meio do questionário, 114 estudantes do PUP Alternativa – isto significa 100% dos(as) entrevistados(as) – confirmaram possuir celular, smartphone ou telefone móvel de alguma natureza. Destes 114 indivíduos, 96 possuem acesso à Internet por meio do aparelho, possibilitando argumentações favoráveis ao fomento de estudos sobre aplicativos educacionais móveis e usos pedagógicos de celulares. Vejamos o gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3: Você possui acesso à Internet por meio de celular/smartphone ou outro aparelho móvel?



Tendo como base os apontamentos de Recuero (2014), foi considerado para o presente estudo o impacto das redes sociais na Internet. Enquanto que as redes sociais podem ser entendidas como um conjunto de atores (pessoas, grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais), temos os sites de redes sociais. Tais sites são todas as ferramentas utilizadas de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por elas (RECUERO, 2014, p.102). Sites de redes sociais são, em outras palavras, “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet” (*idem, ibidem*).

Como exemplos de sites de redes sociais, Recuero (2014) cita, dentre outros, o Orkut¹⁴ e o Twitter¹⁵. A questão sobre o tema é: “Você acessa redes sociais?”. Vejamos o resultado no gráfico 4:



No que concerne à frequência de acesso às redes sociais, as respostas são apresentadas na seguinte tabela (Tabela 1), com a devida descrição de acesso por parte de cada turma discente do PUP Alternativa. Mais da metade dos estudantes é frequentadora assídua das redes sociais. 52% dos participantes da pesquisa admite acessar “diariamente” os sites de redes sociais, enquanto que outros 32% acessam “quase todos os dias”.

Tabela 1: Frequência de acesso às redes sociais.

Frequência de acesso	Turma 1	Turma 2	Turma 3	Turma 4
Diariamente.	16	12	21	11
Quase todos os dias.	10	14	7	6
Uma vez por semana.	5	0	1	3
Quase não acesso.	2	3	0	1
Não acesso.	1	0	0	0

¹⁴ Site de rede social desenvolvido em 2001 pelo engenheiro de software Orkut Büyükkökten. Durante muitos anos, o Orkut foi o site de rede social mais acessado e utilizado no Brasil. No segundo semestre de 2014, entretanto, após visível declínio de sua popularidade entre internautas brasileiros, a rede foi retirada do ar.

¹⁵ Disponível em <www.twitter.com>.

Dentre os sites de redes sociais mais utilizadas, destacamos o Facebook como o mais popular em todas as turmas. 107 dos 114 participantes da pesquisa (isto é, 91% dos entrevistados) possuem uma conta e um perfil ativo no Facebook.

Tabela 2: Frequência de acesso às redes sociais¹⁶.

Redes sociais	Turma 1	Turma 2	Turma 3	Turma 4
Facebook (www.facebook.com)	31	29	27	20
Twitter (www.twitter.com)	8	4	6	2
Ask.fm (www.ask.fm)	0	4	1	1

Alguns participantes sinalizaram outras redes sociais, como WhatsApp¹⁷, (aplicativo de envio de mensagens *online*, utilizado por 28% dos entrevistados) e Instagram¹⁸ (site de rede social de armazenamento de fotos e vídeos, utilizado por 15% dos entrevistados).

Os resultados apontam certa similaridade com pesquisas a nível nacional. Segundo o site UOL Notícias, 2011, o Brasil já constava na lista dos dez países que mais acessam redes sociais, de acordo com pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência e a *Worldwide Independent Network of Market Research* (WIN)¹⁹. Pesquisa de 2014, noticiada pelo site G1, indica que o país possui 76 milhões de usuários na rede social, abaixo na lista apenas da Índia e dos EUA, e é o 2º país com mais usuários que acessam diariamente o Facebook²⁰.

No caso do PUP Alternativa, de forma semelhante a outros espaços, como o Curso Pré-Universitário Popular da Universidade Federal de Juiz de Fora (BICALHO, 2013), os sites de redes sociais, principalmente o Facebook, têm sido empregados como AVEA complementar ao ambiente presencial. Já há três anos, no início de cada ano letivo, são criados grupos no Facebook, para cada uma das quatro turmas que compõem o corpo discente do PUP Alternativa. Nos grupos estão incluídos

¹⁶ Os dados apresentados nas tabelas (1 e 2) são explicitados com relação a cada uma das 4 (quatro) turmas, para fins de averiguação dos contextos específicos. Uma preocupação ao longo da realização da pesquisa foi a comprovação da ocorrência (e frequência) de usos de sites de redes sociais em todas as turmas ou apenas de alguns grupos específicos. Os resultados indicam que este fenômeno se dá em todas as turmas.

¹⁷ Disponível em: <www.plus.google.com>.

¹⁸ Disponível em: <www.youtube.com>.

¹⁹ Para saber mais, ver: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/07/23/brasil-e-um-dos-dez-paises-que-mais-acessam-redes-sociais-aponta-ibope.jhtm>>.

²⁰ Para saber mais, ver: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>>.

educadores(as), educandos(as), coordenadores(as) executivos(as) – responsáveis pelo funcionamento executivo diário do projeto – e monitores(as) – que são educadores(as) menos experientes em fase de familiarização com o projeto. Com um número tão expressivo de participantes, as interações virtuais acabam sendo bastante ricas em termos de troca de experiências, indagações, comunicação mais dinâmica, sugestões de materiais para estudo etc. Além disso, vale destacar a facilidade de compartilhamento de materiais não possíveis de serem incluídos nas apostilas impressas, como vídeos.

É possível ver exemplos de interação nos grupos do Facebook na imagem a seguir.

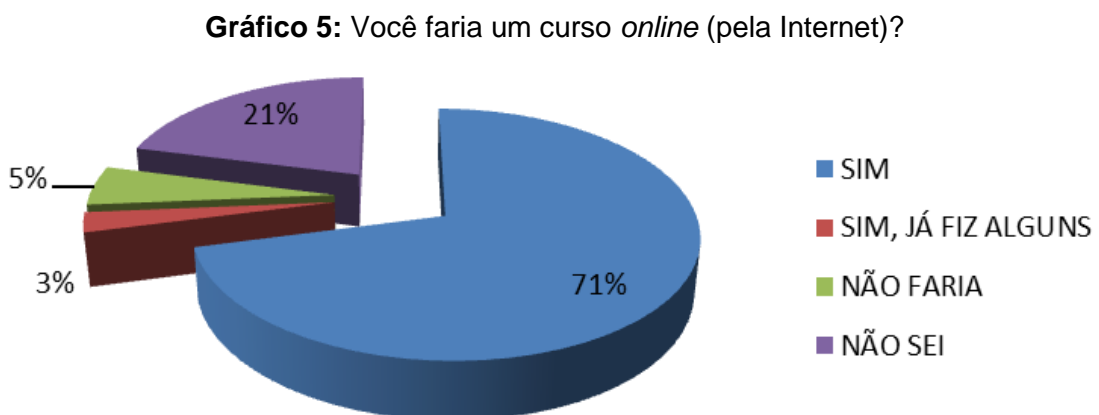


Imagem 1: Exemplos de publicações nos grupos do Facebook.
Fonte: do autor.

A imagem mostra dois exemplos de postagens realizadas por educadores(as) do PUP Alternativa. No primeiro caso, à esquerda, temos um exemplo de postagem publicada no dia 4 de maio, no grupo da Turma 4. Na referida publicação, o educador de Biologia da turma indica um vídeo sobre movimento intracelular. Ao lado, à direita, um convite, feito por uma coordenadora executiva do projeto, publicado em 23 de abril, em todos os grupos. O convite é para a participação dos(as) educandos(as) em uma aula/atividade-extra ao sábado, no turno da tarde. Tal aula consiste em uma atividade de exibição e discussão de um documentário que aborda a questão quilombola no Rio Grande do Sul.

É verificável, em muitos casos, a participação dos(as) estudantes nos grupos, seja de forma mais direta – escrevendo mensagens, perguntando, questionando – ou mais indireta – apenas “curtindo”, por exemplo. Não obstante, pode ser uma possibilidade futura bastante pertinente e profícua de autorreflexão do PUP Alternativa um estudo que investigue qualitativamente a recepção de estudantes do curso quanto aos materiais didáticos postados nos grupos. Afinal, aspectos importantes estão relacionados, como, por exemplo, o acesso ao grupo e seus conteúdos por meio de um celular, que talvez não possibilite ao visitante visualizar o material (texto, animação, vídeo...) de forma adequada.

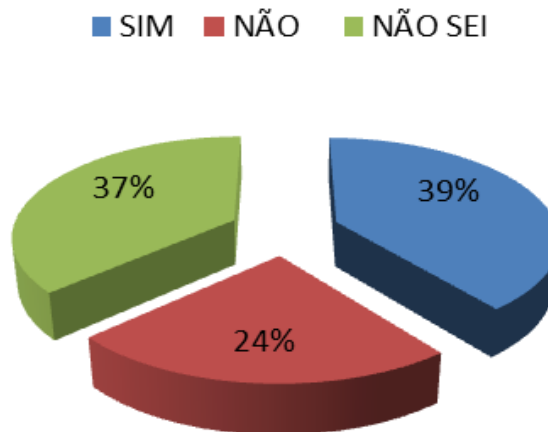
A penúltima questão foi apresentada da seguinte maneira: “Você faria um curso *online*, pela Internet?”. Hoje, atualizar-se intelectualmente e profissionalmente via Web é recorrente em determinados grupos da sociedade. Muitos são os cursos *online* de formação complementar, ofertados inclusive por grandes instituições de ensino superior. Vamos observar o gráfico 5:



Estudos futuros podem tratar de apontar quais cursos já foram feitos por alguns dos estudantes, bem como para averiguar as razões que levam os sujeitos de pesquisa a negarem a participação em um curso *online*. Todavia, por hora, a hipótese de um talvez estranhamento com a modalidade, seja pela ausência de um perfil de estudante da modalidade EAD, seja por uma visão retrógrada de uma educação a distância de décadas anteriores, já bastante modificada pelas constantes TICs e tecnologias educacionais emergentes, é plausível.

Finalmente, a última questão do questionário apresentou a seguinte indagação: “Se o curso de graduação que você pretende fazer fosse possível de ser cursado de forma online, você o faria?”. Vejamos o resultado no gráfico 6:

Gráfico 6: Se o curso de graduação que você pretende fazer pudesse ser cursado de forma *online*, pela Web, você o faria?



Sobre tal questão, parece evidente a importância de apresentar a alunas e alunos do PUP Alternativa maiores informações sobre os cursos ofertados pela UFSM e em outras instituições de ensino superior da cidade e da região. Não só apresentar estas alternativas de curso, evidentemente, mas também mais sobre o funcionamento da EAD *online*, para que, de forma consciente e responsável, possa escolher cursar a distância, se possível, ou presencialmente.

Em função de este primeiro estudo não adentrar tão densamente no campo do viés qualitativo de investigação científica, não é possível aqui discutir com propriedade as razões que levam 24% do público participante a responder negativamente a questão. Contudo, é possível levantar hipóteses, como o possível preconceito contra a modalidade. Crenças preconceituosas difundidas contra a EAD são inerentes a ideias como: (a) estudantes aprendem menos à distância, (b) a EAD baixa a qualidade do ensino superior no país, (c) cursos EAD não apresentam a mesma qualidade que cursos presenciais, etc. Carvalho (2014, p.5), por exemplo, lembra que a “qualidade dos cursos ofertados na modalidade a distância tem sido colocada em cheque e se tornado um grande entrave para sua aceitação em alguns setores da sociedade”. Muitos destes preconceitos, no entanto, são oriundos de

legítima ignorância e desconhecimento do assunto, o que corrobora a necessidade de discutir mais sobre a EAD nos contextos de PVPs e no PUP Alternativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o contexto educacional brasileiro atual, no qual tanto o crescimento exponencial da EAD quanto a expansão de cursos PVPs e PUPs são fenômenos que merecem atenção, a presente pesquisa foi desenvolvida. O objetivo principal do estudo, é válido repetir, foi o de problematizar o crescimento da EAD enquanto modalidade de ensino superior viável a estudantes que necessitam considerar determinados aspectos sociais inerentes a seu acesso e permanência no âmbito universitário. Questões socioeconômicas de preparação para o vestibular e acesso à universidade, questões geográficas de localização, questões de conciliação de tempo de trabalho e estudo, entre várias outras.

Nesse sentido, mostrou-se necessário analisar o grau de conhecimento dos(as) alunos(as) do curso PUP Alternativa, cujo *slogan* atual é “Existem várias maneiras de se alcançar um objetivo: há Alternativa!”. A EAD, enquanto modalidade de ensino superior já estabelecida, é uma alternativa existente. Uma modalidade em constante aprimoramento, de igual forma que os próprios PVPs, mas legítima enquanto opção de permanência no ensino superior. Por isso, longe de qualquer juízo sobre cursos EAD, este trabalho partiu da premissa que cursos na modalidade a distância, hoje, são realidades concretas. E, semelhante a cursos PVPs/PUPs, são procurados por sujeitos em busca de formação intelectual e capacitação profissional.

Os resultados obtidos demonstram a importância de divulgar, explicar e problematizar como esta modalidade funciona, sobretudo ao considerar que muitos futuros e futuras universitários(as) desconhecem a EAD atual e suas características. Assim, em palestras, seminários e atividades futuras, a EAD será debatida no PUP Alternativa.

Além disso, a partir dos resultados obtidos na investigação, é possível delinear melhor um esboço de *ethos* discente do curso PUP Alternativa, sobretudo no que concerne ao uso da Internet e de sites de redes sociais, como Facebook. Bem como pode ser vislumbrado no cenário nacional, as redes sociais são amplamente utilizadas no país, por homens e mulheres de idades e classes sociais

variadas. No PUP Alternativa não é diferente, o que permite interpretar as redes sociais mais populares como espaços alternativos de compartilhamento de informações e materiais didáticos.

Para fins de conclusão, a influência da Internet na educação é, hoje, um lugar-comum. O crescimento da EAD e a utilização desta como modalidade que horizontaliza socialmente e pluraliza o acesso ao ensino superior, em um país com demarcadas desigualdades sociais, de muitas ordens, é indiscutível. Assim sendo, já não se pode mais ignorar a EAD. Portanto, dar visibilidade a esta modalidade em espaços de classes populares, como os PVPs e PUPs, é um ato social urgente e necessário.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos. **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

BICALHO, Leticia Couto. O impacto da relação professor-aluno na construção do conhecimento: uma experiência do curso pré-universitário popular da universidade federal de juiz de fora. **Revista Magistro**, v. 8, p.88-100, 2013.

CARVALHO, Alexey. Reflexões sobre Educação a Distância no Brasil: Questão Social, Qualidade e Expansão. In: Seminário Internacional de Educação. 2014, Sorocaba, São Paulo. **Anais...** Universidade de Sorocaba, Sorocaba. 2014.

COSTA, Alan Ricardo. A Educação Popular em contexto Pré-Vestibular uma vez mais em debate: há Alternativa! In: XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. 2015, Santa Maria, Rio Grande do Sul. **Anais...** Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2015.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. Editora Cortez. 2ª Ed. São Paulo: 1995.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1971.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª Ed. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Leitura. 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

GATTI, Bernardete A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n° 1, jan./abr. 2004 p.11-30. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a02v30n1>>. Acesso em 10 fev. 2015.

GIROUX, Henry. La Pedagogía Crítica en tiempos oscuros. **Praxis Educativa**, vol. 17, n° 2, jul./dic. 2013, p.13-26.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KIPNIS, Bernardo. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos. **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago; SALVAGO, Blanca Martín; PISTORI, Jeferson; DORSA, Arlinda Cantero; ALMEIDA, Déa Terezinha Rímoli de. Educação a Distância no Ensino Superior: uma possibilidade concreta de inclusão social. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n° 29, jan./abr. 2010. p.191-204.

MENDES, Maíra Tavares. Cursinhos populares pré-universitários e educação popular: uma relação possível? In: XI Fórum de Leituras Paulo Freire, 2009, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

ZAGO, Nadir. Cursos Pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 26, n° 1, jan./jun. 2008, p. 149-174.